

INTRODUÇÃO

A GEOGRAFIA DO VINHO

¹ Dutruc-Rosset, G., *The state of vitiviniculture in the world and the statistical information in 2000*, Paris, Office International de la Vigne et du Vin, 2001.

A cultura da vinha abrange todo o globo terrestre, preferindo, naturalmente, as zonas de clima moderado.

As *Vitis vinifera* - vinha cultivada - possuem a particularidade de se adaptarem bem em diferentes climas e terrenos, mesmo os mais pobres, e são inúmeras as espécies que se encontram distribuídas por todo o mundo. Actualmente, são conhecidas cerca de 8.000 variedades.

O vinho e a sua cultura têm uma importância internacional.

É uma actividade com inúmeras ramificações. Ela é, simultaneamente, um sector económico capital e um dos prazeres capitais da vida. É o modo de subsistência de cerca de 50 milhões de indivíduos, espalhados por quase 8.000.000 de hectares de vinha, e cujos índices de produção em

todo o mundo rondavam, em 2000, os 276 milhões de hectolitros.

África com 8.226.000 hl., América com 49.223.000 hl, Ásia com 8.215.000 hl, Europa com 201.561.000 e a Oceânia com 8.666.000¹.

De entre todas as regiões vitícolas espalhadas pelo Mundo, a Europa é aquela que apresenta maior extensão e a que guarda maior tradição desta cultura. Desde a antiga civilização grega ao império romano, ela faz parte da vida, da história e das tradições de países como a França, Espanha e Portugal.

INTRODUÇÃO O ENTRE-DOURO-E-MINHO

² *O Portugal Vinícola, Imprensa Nacional, 1900.*

³ *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325, vol. I, Lisboa, Ed. Estampa, 1988.*

Relativamente ao nosso país, situado no extremo Sudoeste da Europa Ocidental entre as latitudes de 36º-59' e 42º-8' N, e as longitudes, do meridiano de Lisboa, de 0º-21' W e 3º E., «... está em plena região da vinha. O seu clima benigno, as condições naturais dos seus terrenos, formam o meio mais adequado para a cultura da videira, a qual, de Norte a Sul do país, vegeta e prospera, criando os mais saborosos frutos e produzindo tipos de vinhos variadíssimos, da mais excelente qualidade. Reúne, em geral, as condições mais favoráveis, e pode considerar-se como privilegiado, pelas circunstâncias que nele se dão, para a exploração vitícola e a produção de vinhos» (Cincinnato da Costa)².

Reportando-nos ao Noroeste português, que se situa numa altitude inferior aos 700 metros, é uma Região cheia de compartimentos naturais e abundante em água, o que tem permitido desde sempre, uma grande concentração demográfica e ao mesmo tempo a disseminação das unidades de exploração de pequenas dimensões, onde sempre se praticou a cultura intensiva de uma enorme variedade de produtos agrícolas. Mesmo as colinas que as dividem alimentaram sempre, sem custos e com pouco trabalho, os rebanhos de cabras e ovelhas.

Protegida a Leste pela serra, esta Região é recortada pelos vales dos rios que correm no sentido Leste-Oeste. São eles os rios Minho, Lima, Cávado, Ave, Sousa, Tâmega e Douro.

Enquanto que alguns vales são largos e se espraiam em grandes planícies mais perto do litoral, como acontece com os do Lima, Cávado e Ave, outros correm através de vales mais estreitos, entre colinas de pendor mais acentuado. Em alguns casos, os rios associam-se com os seus afluentes principais para formarem zonas «mesopotâmicas» perto das suas confluências. As mais importantes são as de Entre-Homem-e-Cávado e as de Entre-Ave-e-Vizela (Entre-Ambal'as-Aves), onde de facto se encontram terrenos especialmente fecundos (José Mattoso)³.



INTRODUÇÃO A REGIÃO DEMARCADA DOS VINHOS VERDES

Propriedade colectiva e inalienável da viticultura numa região, perfeitamente definida e distinta de outras regiões vitícolas portuguesas, esta é a maior do país e uma das maiores da Europa na sua grande parte coincidente com a já referida Região do Entre-Douro-e-Minho, que ocupa uma área de aproximadamente sete mil quilómetros quadrados, com cerca de 35 mil hectares de vinha.

Citando uma frase conhecida de Amorim Girão, lembra «um vasto anfiteatro que, da orla marítima, se eleva gradualmente para o interior», expondo-o à influência do oceano Atlântico, fenómeno reforçado pela orientação dos vales dos rios, perpendiculares à costa, o que facilita a penetração da influência marítima. Estende-se por todo o NW. Tem como limites: a Norte o rio Minho, a nascente e a Sul as zonas montanhosas, que constituem uma separação natural com as zonas do interior e de características

mais mediterrâneas, e por último o Oceano Atlântico que constitui o seu limite a poente. Sob o ponto de vista geológico, os solos regionais são na sua maioria de origem granítica e, por isso, de textura mais ou menos arenosa, franca ou franco-arenosa e muito mais raramente franco-argilosa. Com excepção de duas faixas estreitas de origem xistosa que a atravessam no sentido Sudeste-Noroeste com origem a Sul do rio Douro, uma do silúrico superior e outra do silúrico inferior.

Na orla litoral e nas margens de alguns rios, com maior ou menor expressão, podem encontrar-se formações do Moderno e do Pliocénico - Valença e Monção - constituindo os célebres «terraços» do Alto Minho e que, mais não são, do que solos muito ricos em calhau rolado (os vulgares «burgos» da praia) evocando a sua origem lacustre ou fluvial.

O solo da Região, de uma maneira geral, é heterogéneo, o que obriga à escolha dos que possuem maior aptidão vitícola, como sejam os solos medianamente profundos, com boa drenagem interna e baixo nível de fertilidade, e que não apresentem, contudo, carências que prejudiquem o desenvolvimento da videira.

Dada a natureza dos sistemas agrários praticados desde tempos recuados na Região, os solos apresentam uma fertilidade adquirida considerável que permitiu durante séculos suportar as mais altas densidades populacionais do país. O segredo desta fertilidade pode resumir-se a dois principais tipos de intervenções do homem nas condições naturais:

- Controlo do relevo pela construção de socalcos;
- Incorporações intensivas e persistentes de matéria orgânica no solo.

